

## EDITORIAL

O tradicional corpo editorial e de avaliadores de uma revista acadêmica exerce aquilo que chamaremos de *doses seguras de criticidade*, sem lugar para o ódio, mas que não deve ser substituído de modo algum por algo mais carismático. Devemos lidar bem com as diferenças de opinião e praticar a refutação de ideias, sem que para isso haja *cancelamento* de obras ou de pessoas. A prática do personalismo no exercício do poder ocasiona uma mácula prejudicial ao florescimento de novos autores e conceitos.

Do que a ciência precisa se desviar e evitar? Da “literatura de cabresto”! Não é de hoje que observamos os escândalos envolvendo a má utilização da máquina pública. No entanto, tem se manifestado, em certos setores de nossa sociedade, uma predileção pelo ataque à ciência (e aos cientistas) e uma tentativa de dismantelamento de instituições de ensino e pesquisa. Instituições são “canceladas” perante a opinião pública, o que pode resultar em extinções físicas e não apenas danos morais. Chamamos a atenção para a tentativa de controle ao que se lê, ao que se estuda, e àquilo que comunicamos, seja em veículos públicos de comunicação da ciência, da informação jornalística ou por meio de organizações da sociedade civil e de interesse público.

De forma mais sutil, a leitura direcionada de determinados autores, ou de uma parte de um texto selecionado aprioristicamente, gera como resultado a leitura enviesada (“encabrestada”), levando à reprodução de *slogans* (palavras de

ação) no lugar de produzir achados científicos ponderados e contextuais. Assim, corre-se o risco de passar à criação de um público somente repetidor de discursos de terceiros, sem abrir espaço para a criação autoral e para a reflexão, de fato, crítica. Parece que insistimos aqui em uma formulação conspiratória? Pode, superficialmente, até parecer, mas o que assistimos, na atualidade, é ao ataque à ciência e aos cientistas; e não seria diferente com a Educação, a Cultura e com as Mídias e seus instrumentos públicos e democráticos de comunicação.

Com tal cenário ameaçador, e às vezes desolador, o que há de brecha positiva a médio e longo prazos? Seriam os critérios investigativos que tornam, efetivamente, aquilo que chamamos de ciência. Esses critérios não devem ser corrompidos, mas praticados! Nesse clima de esperança freireana – celebremos o centenário de nascimento de Paulo Freire! – e nesse tom esperançoso, temos a felicidade de anunciar o Dossiê da Revista Espaço número 56: “Cultura Surda na Contemporaneidade: (re)significações”. Aprendemos com as experientes organizadoras deste Dossiê, Lodenir Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, que a pesquisa científica não se faz em uma escala de evolução ascendente. Salientamos o quanto é importante para a comunidade surda acadêmica a organização deste Dossiê, a nosso convite, para que as autoras (re)visitassem as temáticas tratadas na publicação *Cultura Surda na contemporaneidade*, publicada há dez anos, em 2011, mas não necessariamente com um viés evolutivo.

O nosso interesse nesse Dossiê está naquilo que é irrecusável: os artefatos culturais produzidos *para* e *na* comunidade surda. Comemoramos, nesta edição, os dez anos de uma coletânea que marca a pesquisa interdisciplinar, do modo como as três pesquisadoras, Lodenir Karnopp (UFRGS), Madalena Klein (UFPEL) e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin (UFMS) organizaram e propuseram, dentro de uma coerência de investimento que contou, no passado recente, com um edital de apoio do Ministério da Cultura (MinC) – Ministério este extinto em 2019. É do interesse de todos que vemos naquela publicação um marco, realizar tal convite pela Revista Espaço do INES. Celebremos respeitosamente, pois estamos diante de inúmeras dificuldades planetárias de enfrentamento da Covid- 19.

Na seção **Demanda Contínua**, apresentamos dois artigos extremamente relevantes à temática de nossa Revista: 1. *Paralelo entre pedagogias culturais dos povos indígenas e pedagogias culturais surdas*, por Janie Amaral (UFPEL),

Antionielle Martins (UFPEL) e Francielle Martins (Instituto Ladd) e; 2. *Representações da alteridade surda no texto publicitário: a campanha de natal de 'O Boticário'*, por Jonatas Rodrigues Medeiros (UFPR), Rhaul de Lemos Santo (UFPR) e Sueli de Fátima Fernandes (UFPR).

Na seção **Material Pedagógico**, trazemos um material singelo no relato de experiência de André Luiz Aragão Bastos, surdocego concluinte do curso de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior (DESU): *Atividade de Letramento no INES: conto de história acessível ao surdocego*.

Na seção **Arte e Cultura Surda**, uma pérola aos amantes do teatro, o **Grupo Signatores: uma jornada de três gerações de artistas**. O ensaio começa com *Quem conta um conto, aumenta um ponto*, de Sergio Lulkin; segue com *A geração do meio*, de Adriana de Moura Somacal; e conclui com *O terceiro de muitos*, de Mateus Sousa. Recomendamos uma leitura deliciosa do texto e um olhar atento para as imagens das montagens de peças teatrais e as fotografias de Fábio Zambom, Ricardo Almeida, Ramiro Furquim, Fabrício Simões e Marcelo de Freitas.

Na seção **Produções Acadêmicas**, recomendamos a leitura do trabalho de doutoramento de tese de doutorado de Rodrigo Custódio da Silva (UFSC), de 2019.

Na Seção **Visitando o Acervo do INES**, temos a belíssima descrição arquitetônica e algumas notas sobre o prédio sede do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) por Solange Rocha, que organiza o museu dessa instituição.

Desejamos a todos vacina no braço e uma boa leitura!

*Cristiane Correia Taveira*

Doutora em Educação pela PUC-Rio e

Professora Adjunta no DESU-INES